

A arte como interlocutora histórica do ser humano imaginativo

Art as a historical interlocutor of the imaginative human being

El arte como interlocutor histórico del ser humano imaginativo

Wilmar Gomes de Souza

Centro Universitário SENAC – São Paulo – SP – Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4721-815X>

Endereço currículo Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4114306481274870>

E-mail: wigoart@gmail.com

Resumo: A materialização e compartilhamento das experiências cotidianas encontraram na produção artística seu principal instrumento de registro, possibilitando que grande parte da história do ser humano fosse desvelada. O objetivo central deste artigo é compreender a função da Arte como interlocutora histórico-cultural na trajetória do ser humano. Como metodologia de pesquisa buscou-se estabelecer uma ligação entre os artefatos artísticos e a história do ser humano social. Com base nesse pressuposto e considerando as reflexões de teóricos como: Christoph Wulf, Edgar Morin, Walter Benjamin e Aby Warburg, foi possível estabelecer uma relação, entre a produção artística e o processo evolutivo dos seres humanos. Um procedimento que permitiu legitimar o pensamento que admite: toda a história dos seres humanos só pode ser contada por meio da arte.

Palavras-chave: Arte; Imagem; Materialização; Produção artística; Experiência cotidiana.

Abstract: The materialization and sharing of everyday experiences found in artistic production their main instrument of recording, enabling a large part of the history of human beings to be unveiled. The central objective of this article is to understand the function of Art as a historical-cultural interlocutor in the trajectory of the human being. As a research methodology, we sought to establish a link between artistic artifacts and the history of social human beings. Based on this assumption and considering the reflections of theorists such as: Christoph Wulf, Edgar Morin, Walter Benjamin, and Aby Warburg, it was possible to establish a relationship between artistic production and the evolutionary process of human beings. A procedure that allowed legitimizing the thought that admits: the entire history of human beings can only be told through art.

Keywords: Art; Image; Materialization; Artistic production; Everyday experience.

Resumen: La materialización y el intercambio de experiencias cotidianas encontraron en la producción artística su principal instrumento de registro, permitiendo desvelar gran parte de la historia del ser humano. El objetivo central de este artículo es comprender la función del Arte como interlocutor histórico-cultural en la trayectoria del ser humano. Como metodología de investigación, buscamos establecer un vínculo entre los artefactos artísticos y la historia de los seres humanos sociales. A partir de este supuesto y considerando las reflexiones de teóricos como: Christoph Wulf, Edgar Morin, Walter Benjamin y Aby Warburg, fue posible establecer una relación entre la producción artística y el proceso evolutivo del ser humano. Un procedimiento que permitió legitimar el pensamiento que admite: toda la historia del ser humano solo puede contarse a través del arte.

Palabras clave: Arte; Imagen; Materialización; Producción artística; Experiencia cotidiana.

Introdução

O ser humano dispõe hoje do mesmo corpo e dos mesmos recursos físicos que dispunha no Neolítico. Sua trajetória evolutiva é marcada pela emancipação da capacidade imaginativa que possibilitou que ele criasse artifícios para sobreviver, adaptando-se e modificando a natureza a sua volta. Assim criou os seus mitos e incontáveis histórias para explicar o inexplicável. A imaginação, como agenciadora deste processo foi a principal ferramenta na transformação da matéria-prima em benefício da atividade cotidiana. Dessa forma, foram criados os artefatos culturais que hoje permitem que se possa identificar os hábitos e as singularidades que definem determinada cultura. Mas foi na representação simbólica dos eventos e das incompreensões que a natureza lhe oferecia, que a produção artística se manifestou.

Estabelecendo uma ligação espiritual com o mundo a sua volta, posteriormente atuando como um instrumento de registro das individualidades e dos novos grupos sociais. Ao relacionar a produção artística com a história sociocultural do ser humano, conclui-se que este é o legado do mais importante agente na constituição do pensamento complexo. Um agente que também baliza o registro histórico deste ser, já que as descobertas que remontam a uma fase anterior à maturidade da cultura, demonstram que a produção artística é a raiz da sua identidade.

A arte é a manifestação antecipada de um pensamento que nasce com objetivo de provocar. Ela é o resultado da experiência do ser humano com o mundo. Uma experiência na imagem e pela imagem. Dessa forma, pode-se afirmar que a arte é o espaço onde o mundo é questionado. Os processos imaginativos que organizam a natureza humana, pressupõem um mergulho na própria história evolutiva do homem, visto que a arte contém os códigos e condutas que de alguma forma atestam a verdadeira estrutura simbólica e espiritual que constitui o humano.

O que se pretende neste artigo é contrapor uma visão errática que estabelece a prática artística como um instrumento subordinado puramente às teorias e ao aprendizado. Sob tal perspectiva, ao problematizar a natureza artística percebe-se que a arte, enquanto manifestação cultural, está presente nas principais mudanças sociais, econômicas e culturais realizadas pelo ser humano ao longo de toda a sua história. Seria correto afirmar que toda produção artística realizada pela humanidade é sobretudo uma manifestação imagística que busca, por meio dos mais diversificados materiais e suportes, materializar os sonhos e desejos humanos, seus delírios e frustrações, seus medos e esperanças. A produção artística é acima de tudo, um ato de resistência, mas também de resiliência. Isto posto, procurou-se estabelecer neste artigo uma cronologia que situe as primeiras manifestações culturais com o desvelar da consciência humana. Vale lembrar que, grande parte dos artefatos arqueológicos, indicam que inúmeras descobertas realizadas pelo ser humano possuem uma intercorrência artística que atesta a emancipação imaginativa destes seres, bem como a necessidade de registro e reverência aos fenômenos e eventos oferecidos pela natureza, mas incompreendidos no âmbito das ciências naturais.

1. A produção artística como mecanismo histórico-cultural

Ao longo da sua história, o ser humano sempre buscou elementos e procedimentos que de alguma forma permitissem o registro e o compartilhamento das suas experiências cotidianas. As pinturas rupestres, as cerâmicas e as esculturas são claras evidências de uma produção que procurou se conectar com a natureza a sua volta. Mas, elas indicam a manifestação de um dos mais fundamentais artifícios desenvolvidos pelo ser humano para entender e aprender as coisas do mundo, a capacidade de imitar e reproduzir pela mimese a natureza a sua volta. E foi precisamente a partir da imitação que o processo de aprendizagem se constituiu, primeiro pela apropriação dos gestos, das formas e de tudo aquilo que pudesse ser imitado, posteriormente pelo compartilhamento e ressignificação do que foi mimetizado. Christoph Wulf (2013) em seu livro *Homo Pictor: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado*, já apontava que o aprendizado cultural é em grande medida um aprendizado mimético. Dessa forma, considerando esse pressuposto, conclui-se que: a capacidade de imitar o mundo e representá-lo é uma das virtudes antropológicas mais importantes do ser humano. Capacidade inata, sendo ela o mais relevante instrumento na sua formação histórico-cultural. O processo mimético se manifesta na produção artística, porque é por meio da arte que uma imagem interior se materializa e pode ser compartilhada e experienciada. “Processos miméticos objetivam concretizar uma imagem interior que o poeta ou o pintor tem diante dos seus olhos. No processo de criação artística algo novo passa a existir” (WULF, 2013, p.49). Dissolvida nas representações se encontra a imitação, um substrato que alimenta e conduz o processo imaginativo na direção do autoconhecimento.

A representação artística de um evento natural não deve ser vista como mera instrumentalidade, ela é constituída pela mimese, sendo a tentativa de figurar a semelhança de tal evento por intermédio da imagem. Neste processo, são observadas a reflexão e a aproximação espiritual do ser humano com a representação, já que é ela que determina a relação entre eles. Nas culturas arcaicas, os eventos eram mimetizados e assim podiam ser eternizados na imagem, uma estratégia que sempre esteve presente como ferramenta de registro das experiências cotidianas. O advento das tecnologias, as descobertas da ciência e a compreensão de inúmeras leis da física

permitiram ao ser humano, ver e se relacionar de outra forma com o universo a sua volta. A participação mágica e espiritual, pela qual o ser humano se conectava com as forças que o criaram, foi reduzida, com isso, o espaço da reflexão deixou de ser o espaço do diálogo, para se tornar um espaço esvaziado em sua dimensão cultural.

A tentativa de exercer uma influência mágica é, portanto, em primeiro lugar, uma tentativa de apropriação de um evento natural na sua forma de abrangência viva e semelhante: o raio é capturado pela apropriação mimética e não, como na cultura moderna, pela atração magnética, mediante um aparato inorgânico que conduz terra adentro, anulando-o. tal conduta diante do mundo ao redor distingue-se da nossa pelo fato de que a imagem mimética deve estabelecer à força o vínculo, enquanto almejamos o distanciamento espiritual e real. (WARBURG, 2015, p. 263).

Assim, considerando que o processo de aprendizado é mimético e que a mimese é uma característica humana, é aceitável dizer que o ser humano sempre dependeu do outro para poder ser inteligível para si, já que ao observar e entender os limites e fraquezas do outro, pratica a autopercepção. Um movimento fundamentalmente importante, que orienta suas relações afetivas e sociais. Contudo, enquanto o ser humano amplia a consciência tida sobre si e sobre o mundo que o cerca, amplia também as angústias e os medos que constituem sua natureza. Para lidar com tais sentimentos cria artifícios para suplantar as dores cotidianas, buscando assimilá-las e transformá-las em algo novo, algo fora do seu campo de referência, que dê sentido à sua existência enquanto ser humano social. É precisamente essa disposição gerada pela necessidade de abrir-se ao mundo e, ao mesmo tempo, dele fazer parte, que a manifestação artística como veículo de representação das percepções, dos desejos e das angústias humanas se manifesta. Um processo que irá incorporar fragmentos das experiências vividas e compartilhadas e reuni-los de uma maneira distinta para que algo novo seja criado. Uma experiência que se dará, sempre por imagens e nas imagens, que será constituída primeiramente pela manipulação e transformação da matéria bruta e posteriormente pela atribuição de sentido dado à criação.

Podemos ver a imaginação e sua capacidade de conceber imagens em ação no processo pelo qual um pedaço da natureza é transformado em um instrumento esteticamente concebido. Nesse processo, uma pedra é selecionada de acordo com uma imagem mental e talhada de modo que toma a forma de um instrumento, que deve cumprir certas funções e, ao mesmo tempo, responder a exigências estéticas. Outro nível de formação estética é alcançado quando seres humanos começam a traduzir sua realidade interna em desenhos, como nas gravuras de osso de *Bilzingsleben* na Turíngia cerca de 300 mil anos atrás (WULF, 2013, p.24).

O mundo das imagens é gerado com base na percepção sensorial que o ser humano tem do universo que está a sua volta. Ele se torna transparente e legível enquanto é experienciado e vivido, a este mundo são incorporadas e compartilhadas outras experiências. Um movimento que só é possível em virtude da capacidade de geração de imagens na imaginação dos seres humanos. Capacidade inata, que se refere especialmente a tudo aquilo que é próprio do espírito humano, mas que nem sempre depende da experiência prática, mas sim da sua capacidade imaginativa de transformar experiências, percepções, sonhos e emoções em imagens. Um mundo imagístico gerado como correspondência direta da realidade perceptiva, ou seja, daquela percebida singularmente por cada ser humano. Tal realidade afeta a própria vida, tornando cada vez mais árdua a tarefa de distinguir, fantasia e realidade. Um processo que historicamente sempre se manifestou e que pode ser autenticado pelas imagens nas paredes das cavernas, nas cerâmicas, na arquitetura, nas esculturas e numa infinidade de outras aventuras criativas realizadas pelo ser humano imaginativo e que de alguma forma colaboraram para o passado ser desvelado. Esse é o legado de uma produção imagística que representa um dos pilares que sustentam e dão sentido aos processos culturais. Logo, a habilidade mimética, aliada à capacidade de produzir imagens tornaram-se determinantes na constituição do que hoje chamamos de cultura. E é precisamente tal capacidade, que permitiu ao ser humano imaginativo, que o universo das coisas tangíveis e intangíveis fosse catalogado e sistematizado. Um processo que convergiu no desenvolvimento e na

emancipação de uma infinidade de códigos culturais. A partir de então, toda atividade humana passou a ter de alguma forma seu registro imagístico, seja ele na pintura, na escultura, na dança, na arquitetura ou em qualquer manifestação cultural que traduza a realidade perceptiva em enunciados, que irão ser transfigurados nos ideogramas, nos pictogramas e em incontáveis outros métodos representativos.

2. A arte como mecanismo na representação da experiência primitiva.

A ancestralidade do ser humano sempre foi marcada por inúmeras descobertas e desafios, mas também pelo medo da morte e pela capacidade de atribuir significados a tudo aquilo que ele não compreendia. Assim, por meio da palavra, do gesto e do desenho, as coisas do mundo adquiriram uma segunda existência, uma existência na imagem, sendo também uma existência mental e lúdica. Essa existência está presente na produção artística que se tornará o principal vetor de representação das coisas do mundo. Deste modo, desde o momento em que uma determinada imagem mental, materializada por intermédio da produção artística, identifica o objeto ou a coisa a qual se refere, ela passa a lhe conferir presença. Portanto, a manifestação da imagem, para além da interpretação do universo das coisas, é sobretudo a representação da interioridade do ser humano imaginativo. Um ser conectado com a natureza que entende as fases da lua e respeita as marés, que agradece a chuva e venera o sol. Um ser com medos e angústias, mas que acima de tudo, alimenta os seus sonhos e cultiva os seus delírios e desejos.

Trata-se de um ser de uma afetividade imensa e instável, que sorri, ri, chora, um ser ansioso e angustiado, um ser gozador, embriagado, extático, violento, furioso, amante, um ser invadido pelo imaginário, um ser que conhece a morte e não pode acreditar nela, um ser que segrega o mito e a magia, um ser possuído pelos espíritos e pelos deuses, um ser que se alimenta de ilusões e de quimeras, um ser subjetivo cujas relações com o mundo objetivo são sempre incertas, um ser submetido ao erro, ao devaneio, um ser híbrido, que produz a desordem. E como chamamos loucura à conjunção da ilusão, do descomedimento, da instabilidade, da incerteza entre real e imaginário, da confusão entre subjetivo e objetivo, do erro, da desordem, somos obrigados a ver o *Homo sapiens* como *Homo Demens* (MORIN, 1975, p.116)

Mas é precisamente a partir da necessidade de organizar e expressar sua visão de mundo, que o ser humano imaginativo irá atuar, sob a alegação de ser ele o agenciador e, ao mesmo tempo, portador das imagens que irrompem da percepção que ele tem do real. Dessa forma, a produção imagística se intensifica enquanto a busca pela compreensão do universo a sua volta é amplificada. A natureza fornece a matéria-prima e o pensamento criativo a transforma em arte. Sabe-se, hoje, que a produção do ser humano do neolítico foi inicialmente realizada com uma única finalidade, reverenciar os eventos e elementos que constituíam o universo a sua volta e que eram incompreendidos na sua manifestação enquanto fenômenos naturais. As fases da lua, o pôr do sol, o trovão, a chuva, o arco-íris e tantos outros eventos oferecidos pela natureza. Ocorre que o inexplicável e o intangível fizeram parte da sua formação histórico-cultural, logo, tudo aquilo que de alguma forma se manifestava sem que ele conseguisse compreender, fazia parte de um inventário simbólico, que, em certa medida, também era espiritual. Assim irrompem, os mitos e os deuses que um dia iriam criá-lo. Estes novos elementos nutrem sua produção artística e se tornam responsáveis pela constituição dos vínculos culturais, estabelecidos entre as coisas do mundo e o seu espírito. A partir de então, o ser humano passa a se deslocar em um mundo estranhamente semelhante ao real, mas reconstituído pelo simbólico que autêntica a oposição radical entre o seu corpo e o espírito. “Os seres humanos sempre estiveram ligados ao mágico e ao mítico, não apenas para organizar um senso de espaço, continuidade e identidade, mas também para organizar uma maneira de agir, de se comportar” (KELEMAN, 1999, p.26).

A experiência cotidiana do ser humano dissolvida nas representações imagísticas, procura cada vez mais justificar sua existência. Seja por intermédio das imagens talhadas na madeira, pintadas nas paredes, moldadas no barro ou nas inúmeras manifestações artísticas espalhadas ao longo da história. Nelas, o real é interpretado com base nas percepções que o ser humano tem da natureza que o cerca (os mais antigos registros da presença humana atestam tal afirmação). Assim foi inaugurado um processo que alimentou e ampliou cada vez mais a ligação imaginária do ser humano com o mundo. Uma ligação que ofereceu a produção artística, como amálgama, permitindo que a

figuração do universo das coisas fosse expandida. E é precisamente no nível das percepções que a capacidade imaginativa do ser humano reside. Capacidade inata, responsável pela produção imagística de grande parte das experiências sensoriais que conectaram este ser com o mundo, e vice-versa. Pode-se dizer que as experiências sensoriais são as mais primitivas agenciadoras dos processos imaginativos realizados pelo ser humano. São responsáveis pela corporificação de todas as experiências tangíveis e intangíveis que constituem sua natureza. Foi por intermédio delas que a ideia pôde se tornar concreta, que a matéria bruta foi manipulada e transformada e a encarnação física do incorpóreo se materializou nas mais variadas manifestações artísticas. Vale lembrar, que no decorrer da história, não é somente a forma como as sociedades humanas se organizam socialmente que é modificada, mas também a forma como tais sociedades percebem o universo a sua volta. “O modo como se organiza a percepção humana, no meio pelo qual ela se realiza, não depende só da sua natureza, mas também da história” (BENJAMIN, 2012, p.15).

Ocorre que a arte como agente de representação da condição humana, tem a percepção como matéria bruta para a produção dos nexos que mediam, o simbólico, o material e o espiritual. “Na luta pelo vínculo espiritualizado entre o homem e o mundo ao redor, o pensamento mítico e o simbólico criaram o espaço ou como de devoção, ou como de reflexão (WARBURG, 2015 p. 253). Os valores que são criados pela mão do artista quando esse, por intermédio da figuração do universo das coisas, compartilha sua visão de mundo, moldando suas experiências cotidianas, sejam elas físicas ou espirituais, é a principal contribuição na formação estética dos seres humanos. A produção artística enquanto mecanismo que desvela as experiências vividas que sobrevivem como herança cultural, armazenadas na memória, hoje se manifestam como ações inconscientes. “Esse engrama da experiência passional sobreviveu como herança armazenada na memória, determinando, na condição de modelo, o contorno do que a mão do artista cria” (WARBURG, 2015 p. 367).

Contudo, existem outros aspectos que devem ser considerados quando analisamos a capacidade criativa do ser humano e a relação que tal capacidade estabelece com o universo a sua volta. É no entroncamento ente a habilidade de

manipular a matéria prima utilizando determinadas técnicas e na amplitude imaginativa do ser humano, que reside seu principal diferencial em relação às outras espécies. A habilidade do ser humano em expressar suas experiências cotidianas por intermédio da criação artística, foi um dos pilares para que essas experiências pudessem ser incorporadas ao seu repertório natural. Outro elemento a se considerar, é o seu senso mítico, que emergiu da incapacidade de compreender os eventos naturais que ocorreram a sua volta e que deram voz a uma realidade interna, corporificada nas mais diversas representações. Esses movimentos, segundo Stanley Keleman (1999), integram a organização ideológica e prática que constituem a ligação imaginária dos seres humanos com o mundo, eles também são a raiz do mito e da magia. “Os seres humanos sempre estiveram ligados ao mágico e ao mítico, não apenas para organizar um senso de espaço, continuidade e identidade, mas também para organizar uma maneira de agir, de se comportar” (KELEMAN, 1999, p.26). Um pensamento reiterado na obra de MORIN (1975, p.138). “A consciência tem seu livre curso no mesmo ponto em que proliferam o mito e a magia: na brecha que se abriu entre o sujeito e o objeto, na franja de interferência em que se encobrem o imaginário e o real”. Dessa forma, pode-se dizer que, a produção artística em todos os seus territórios, além do seu caráter mágico, representa também a busca pela compreensão da relação perceptiva, instaurada entre o ser humano, a natureza e a produção de enunciados que de alguma forma justificam o seu estar no mundo, e dele fazer parte. “Tudo o que, na noite de hoje, aparecer em palavra ou imagem, junto a evidências conhecidas ou desconhecidas, revela o homem observante na luta pelo espaço de reflexão” (WARBURG, 2015, p. 291). É precisamente disso que a produção artística em todos os seus níveis trata, uma busca para entender o cosmos interno do ser humano, como os sentimentos, as percepções e as visões que ele tem do mundo organizaram e determinaram o seu caminho ao longo da história.

O ser humano sempre viveu em duas esferas; a esfera da corporificação das experiências cotidianas e a esfera da ludicidade. Conseguir viver nestas duas esferas é a mais fundamental característica humana. Já que é a partir da intercambialidade entre elas que o diálogo com o universo das coisas é constituído. Mas é também a partir delas que o repertório histórico-comunicativo de toda humanidade se revela.

Vale lembrar que a habilidade de transformar o mundo tangível e o intangível em imagens é inerente aos seres humanos. Sob essa perspectiva, pode-se dizer que tal habilidade é um mecanismo que permite o registro das experiências cotidianas de forma cumulativa. Ela assinala um novo paradigma na relação dos seres humanos consigo e com a natureza que os cerca quando introduz simultaneamente, nexos e rupturas simbólicas. “A habilidade para falar dessas experiências primárias, de criar histórias a seu respeito, dá voz a nossa realidade interna. Como seres humanos, dramatizamos nossas experiências interiores como imagens somáticas” (KELEMAN, 1999, p.29). Portanto, a capacidade de estabelecer vínculos e dar sentido às coisas do mundo, tem na habilidade de produção de imagens e no seu registro cumulativo, o principal elemento na constituição daquilo que o ser humano aprendeu a chamar de cultura.

A arte, como principal agenciadora dos processos culturais e das mediações simbólicas, nasceu amparada nos seguintes pressupostos; capacidade imaginativa e habilidade técnica. Portanto, a capacidade de evocar o que se encontra ausente, utilizando a habilidade em promover a sua materialização, para que ele tenha vida na imagem, exigiu do ser humano uma condição imaginativa que sempre lhe foi peculiar. Com efeito, toda e qualquer manifestação nesse sentido, implica mediações simbólicas que são da ordem das relações cotidianas e de tudo o que constitui o seu universo espiritual. Assim, ao longo da história, na busca por compreender e reverenciar o universo das coisas, o ser humano produziu incontáveis representações que hoje são vistas e apreciadas, como verdadeiras obras de arte: a Vênus de Willendorf, as pinturas em Cueva de Ardales, La Pasiega e Maltravieso, além de inúmeras outras criações que se estendem para todos os territórios da arte. Todas elas representando, de alguma forma, as visões que o ser humano tinha do mundo e dos eventos que ocorriam a sua volta. Hoje, elas são um legado que atestam à presença do ser imaginante na busca pelo seu espaço de reflexão.

Sabe-se que as primeiras manifestações consideradas obras de arte surgiram a serviço dos rituais que ensejavam de alguma forma conectar o ser humano com o seu universo espiritual. Uma ação que os registros históricos inicialmente apontam ter sido mágica e lúdica, mas que posteriormente se tornaria religiosa. Tal ação

colaborou para a produção artística ter sobrevivido se sobrepondo ao tempo. Nesse sentido, vale reafirmar que a obra de arte, enquanto registro memorável se torna um agente transcendental, mesmo que sua existência nunca se desprenda da sua origem. O postulado de Walter Benjamin oferece um posicionamento importante a esse respeito. “Em outras palavras, o valor único da obra de arte ‘autêntica’ tem seu fundamento no ritual, no qual ela teve o seu valor de uso original e primeiro” (BENJAMIM, 2012, p. 17).

A produção artística sempre foi da ordem social. Sua função é determinada pelo contexto em que são estabelecidos os códigos culturais que organizam sua concepção enquanto mecanismo mediador dos conflitos, das intenções e dos prazeres que constituem a natureza humana. Ela exige recolhimento por parte do espectador. Sendo um agente de emissão, a arte também é um mecanismo codificado, que ao desvelar o que está oculto, desdobra no receptor uma jornada de descobertas que vai, da sua superfície estética à sua profundidade espiritual, oferecendo uma experiência mágica, que é sobretudo uma experiência na interioridade humana. Portanto, quando se observa a história pelas janelas que a arte abre no tempo, é possível ficar íntimo dos modelos e das narrativas que são desveladas neste processo. Elas trazem múltiplas camadas e evocam no ser humano, o seu self mais profundo. Estas são características fundamentais na constituição de qualquer obra de arte. Tais características, contudo, não mudaram com o passar dos tempos, mas foram preenchidas com conteúdo, atualizadas e alimentadas com base nas novas visões de mundo. Dessa forma, a produção de sentidos que é gerada diante de uma obra de arte, sempre convidará o observador a uma reflexão. A linguagem artística, por sua vez, assume um papel efetivo na mediação das descobertas histórico-culturais, já que ela propõe que se fique atento aos vestígios, ao sincretismo cultural das novas identidades, assim como das relações afetivas e simbólicas que organizam o mundo. Porque é precisamente essa poderosa ferramenta de produção de sentidos que opera em todos os níveis socioeconômicos. Ela é responsável pela manutenção da relação estabelecida entre os seres humanos e o universo a sua volta. Portanto, produzir arte é um movimento que resgata e desvela o pensamento primitivo quando permite que o ser humano, mesmo diante de uma era tão tecnológica, estabeleça nexos com sua ancestralidade.

3. Considerações finais

Toda e qualquer manifestação artística é um documento histórico. Por intermédio da arte foi possível compreender como se constituiu a história cultural e social da humanidade. Ela possibilitou que a construção do pensamento simbólico e do universo espiritual que organizam a natureza humana fossem desvelados, e se hoje é possível acreditar nos diversos mitos de origem que fundamentam as mais variadas culturas, deve-se creditar tal feito à arte. Vale lembrar que, a produção artística das mais antigas culturas, nasce a serviço de rituais mágicos que posteriormente se tornariam religiosos. E mesmo que ao longo da história tenham sido verificadas modulações, por vezes profundas, no modo como os seres humanos vêm e interagem com a natureza, a sua volta, a arte parece reorganizar as percepções e os códigos de conduta humana, para que a existência nas coletividades seja alimentada com imaginação e criatividade. Por essa razão, a arte deve ser vista como a principal agenciadora dos processos culturais que organizam a natureza das coisas. Deve ser sempre reinventada como mecanismo agregador das individualidades e como matéria-prima dos processos imaginativos que constituem este novo ordenamento de mundo, sintético e tecnológico. No plano sensível das representações, ela deve ainda orientar as percepções para que o ser humano imaginativo continue escrevendo a sua história. Como produtora de significados simbolicamente constituídos, a arte não pode ser reduzida somente à intencionalidade. Ela é inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam a estrutura criativa que a sustenta. Dessa forma, a existência de uma obra de arte, deve sempre estar vinculada a história e ao pensamento que a produziu. Como mecanismo agregador, ela deve provocar reflexões e agenciar as dores cotidianas. E se por vezes, a arte se torna a expressão mágica da identidade do ser humano imaginativo, ela deve cumprir sua função como mediadora dos universos, físico e espiritual que constituem a natureza. Vale lembrar ainda, que o conhecimento necessário para a produção artística não é somente teórico e prático, mas também corporal e lúdico. Ele é formado pelo entroncamento das experiências

corpóreas e incorpóreas, somadas aos componentes do imaginário. Quanto mais cresce a busca para se entender os códigos e condutas socioculturais que constituem esse novo ordenamento de mundo, mais aumenta o desconhecido e com ele a necessidade de produção de enunciados que representem a verdadeira essência fragmentária do ser imaginante que habita cada um de nós.

4. Referências

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. Trad. Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. Porto Alegre, ed. Zouk, 2012.

CAPISTRANO, T. (org.) *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem e percepção*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

CANTINHO, M. J. ABY WARBURG E WALTER BENJAMIN: *A legibilidade da Memória*. História Revista, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 24–38, 2016. DOI: 10.5216/hr.v21i2.43380. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/43380>. Acesso em: 14 jun. 2022.

KELEMAN, Stanley. *Mito e corpo: uma conversa com Joseph Campbell*. São Paulo: Summus, 1999.

MORIN, Edgar. *O enigma do homem*. Trad. Fernando Castro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

WARBURG, Aby. *Histórias de fantasma para gente grande dormir: escritos, esboços, conferências*: organização Leopoldo Waizbort; tradução Lenin Bicudo Bárbara – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WULF, Christoph; *Homo Pictor: Imaginação, ritual e aprendizagem mimética no mundo globalizado* / Tradução Vinicius Spricigo. São Paulo: Editora Hedra, 2013.

Recebido: 30/01/2024.

Aprovado: 21/03/2024.